

## Uma resposta franciscano-capuchinha ao desafio da justiça econômica

Encontro Internacional do Serviço de Justiça, Paz e Ecologia  
Ordem dos Frades Menores Capuchinhos  
Porto Alegre, 15 de março de 2005

Prudente Nery, OFMCap

### 1. Introdução: um paradigma...

De toda a história do Cristianismo, o Concílio de Jerusalém, ou Concílio dos Apóstolos, em 49/50 de nossa era, foi, sem lugar a dúvidas, seu momento mais corajoso dramático, doloroso e decisivo. Em pauta, aparentemente, umas poucas questões de ordem prática e funcional apenas. Ao fundo, porém, a mais grave questão que os seguidores de Jesus Cristo, filhos, todos eles, do judaísmo, tiveram que responder, em todos os tempos: Continuar uma seita intra-judaica, na observância fiel de suas leis e tradições, ou transgredir as fronteiras da aldeia religioso-cultural do judaísmo e do Oriente Médio, abandonando pressupostos milenares e sagrados, refundindo linguagem e culto. Era um grave risco e um alto preço, mas o tributo inevitável para se transformar de uma seita palestina numa religião católica e universal.

Quase contra si mesmos, cortando na própria carne, numa decisão de impressionante coragem, os discípulos de Jesus<sup>1</sup> declaram dispensáveis a Circuncisão e a Lei de Moisés (At 15, 23-29). Não apenas costumes e tradições, mas até mesmo a Torah, a sagrada escritura do judaísmo, de Jesus e dos discípulos da primeira geração, são relativizados, isto é, submetidos a uma relação crítica do Espírito de Jesus Cristo. Só a partir daqui, podemos, *expressis verbis*, falar de Cristianismo como uma nova religião. Daqui para frente já não são mais os Santos<sup>2</sup>, nem Seita dos Nazarenos, nem os Discípulos do Caminho, mas Cristãos<sup>3</sup>.

O alcance e as conseqüências deste Concílio<sup>4</sup> são, para sempre, inestimáveis. A partir de agora, o que a todos une, fazendo-os de todas as línguas e nações uma só *ecclesia*, já não é mais a pertença ao povo judeu ou a observância de suas leis rituais, mas a fé em Jesus Cristo (Reino de Deus), o Batismo e a recepção do Espírito Santo.

Pela primeira vez, viram-se os seguidores de Jesus Cristo na necessidade histórica de colocar-se e responder a questão vital sobre sua própria identidade e, com isso, poder anunciar e viver a sua verdade também dentro de outras coordenadas históricas e culturais do que aquelas de sua origem. Não tivessem os discípulos de Jesus tido essa

<sup>1</sup> Sem dúvida, pressionados pelos discípulos da segunda hora.

<sup>2</sup> At 26,10

<sup>3</sup> Segundo os Atos dos Apóstolos (11, 26), essa denominação foi dada aos seguidores de Jesus Cristo, pela primeira vez, em Antioquia. Uma informação banal, historicamente, mas de alto teor teológico: o nome próprio dos seguidores de Jesus Cristo adveio de fora do judaísmo.

<sup>4</sup> Embora esse convênio de apóstolos e discípulos na cidade de Jerusalém não corresponda, tecnicamente, àquilo que, mais tarde, se convencionou chamar de concílio, é possível constatar, já aqui, ainda que de forma incipiente, todos os elementos centrais de um concílio ecumênico, a saber: a) uma questão de importância universal; b) o diálogo entre irmãos e representantes das diversas comunidades como instância de esclarecimento e busca da verdade; c) decreto vinculativo para todas as comunidades.

coragem, o *Caminho*<sup>5</sup> teria terminado num beco-sem-saída. Seu destino teria sido o mesmo de tantos outros também importantes movimentos religiosos de seu tempo, mas que não ultrapassaram a fronteira do III século da era cristã<sup>6</sup>.

Jamais, porém, teriam os apóstolos ousado uma tal ruptura ou transgressão não estivesse ela inscrita, como possibilidade, no espírito do próprio Jesus Cristo. Ter-lhes-ia faltado, seguramente, não apenas coragem, mas também legitimidade. E eles o fizeram: por fidelidade ao Espírito de Jesus Cristo.

## 2. A Reforma Capuchinha

Guardadas as devidas proporções e diferenças, algo assemelhado deu-se também no ano de 1535-1536, no Convento de Santa Eufêmia, em Roma. O fato nos é conhecido. Oito anos haviam transcorrido, desde que Frei Ludovico e Frei Rafael Tenaglia de Fossombrone obtiveram do Papa Clemente VII o rescrito *Religionis Zelus* (3 de julho de 1528), assegurando-lhes legitimidade e salvaguarda em sua aspiração de um radical seguimento de Francisco de Assis.

### 2.1. A inspiração e sua tradução na história

A tentativa de reforma não era nova. Aliás, dificilmente encontraremos em outra família religiosa tão grande inquietude quanto dentre aqueles que se ajuntaram a Francisco de Assis. Em todas as tentativas de reforma, como desta vez na aspiração dos irmãos Tenaglia, a questão central era essa: como viver a inspiração originária de Francisco de Assis, no percurso da história.

A busca de fidelidade a essa inspiração teve embates severos e não apenas após a morte de Francisco de Assis (1226)<sup>7</sup>.

Nós conhecemos, um pouco ao menos, a *historia tribulationum* da Ordem dos Menores, entre os séculos XIII e XVI. Entre realismo e relaxamentos, institucionalização necessária e infidelidades, contestação e buscas sinceras de fidelidade, observância radical e radicalismos estéreis, a história franciscana foi, de alguma forma, a inquieta saga de um equilíbrio às vezes dificultoso, às vezes nervoso e sempre instável<sup>8</sup>.

<sup>5</sup> Esta foi uma das primeiras designações dos discípulos de Jesus: os Discípulos do Caminho.

<sup>6</sup> Tais como: os discípulos de João Batista, os seguidores de Barkochbach, os Essênios...

<sup>7</sup> Ele mesmo, Francisco de Assis, conheceu o drama e as extremas dificuldades de ter que dar contornos claros, historicamente possíveis e viáveis, aos seus sonhos e inspirações. Que a regra de sua própria Ordem tenha sido escrita, em caráter definitivo, apenas em 1223, isto é, quinze anos após o célebre 24 de fevereiro de 1208, dia da clarividência de sua inspiração, não se deve apenas às vicissitudes internas de sua congregação e aos demorados trâmites da burocracia eclesiástica (Ver o dramático relato desses episódios em Compilação de Assis, 17-18). Travava-se já aqui da permanente tensão entre a grandeza de um sonho e sua realização nos limites da história e dos homens. Toda incarnação é também kénosis (Fil 2, 5-11), (de)limitação, empobrecimento e outro caminho não há para que o sentido se faça carne e arme sua tenda entre nós. O problema foi e será quando a tenda se declara uma morada permanente e se transforma em palácio...

<sup>8</sup> Fidelidade não é imobilismo nem exaltação do passado como se ele fosse tudo e absoluto. Antes, a verdadeira fidelidade se revela sempre como o difícil equilíbrio entre a inspiração originária e a permanente tentativa de traduzi-la no tempo e na história.

Esta dolorosa instabilidade institucional, tida por muitos como indesejável, prejudicial e inquietante, revela, porém, ao fundo, duas preciosas características da Ordem dos Menores: A inestimável grandeza de seu ideal e a consciência nítida por parte dos seus seguidores dos limites e inadequação de suas respostas a tal ideal. Embora, pois, dolorosa, foi justamente esta tensão que manteve, de alguma forma, a vitalidade da Ordem dos Menores, possibilitando com que ela escapasse de um danoso acomodamento no já estabelecido.

## 2.2. Os Frades Menores da Vida Eremítica

É sabido que, no princípio, os irmãos Tenaglia não pretendiam criar uma nova família franciscana. Eles não queriam muito mais do que apenas *poder viver num eremitério, na fiel e pura observância da Regra Franciscana*<sup>9</sup>. Vendo negado seu legítimo pedido de serem colocados nalgum lugar pobrezinho com frades que quisessem viver reformadamente, eles fogem. Considerados apóstatas e excomungados, para escapar a perseguições e possível aprisionamento, eles se refugiam junto aos monges camaldulenses. Entre idas e vindas, finalmente é concedido aos referidos irmãos viver num eremitério pobrezinho, sob a proteção do Bispo de Camerino<sup>10</sup>. Aí recolhidos, finalmente, parecem estar os irmãos Tenaglia, na posse do que aspiravam.

A história, porém, tem suas imprevisibilidades. Na metade de 1527, desaba sobre Camerino a peste e suas graves consequências humanas e sociais. Tal tragédia marcou decisivamente a incipiente reforma. O encontro dos Tenaglia com os pesteados de Camerino, asseguram-nos os estudiosos<sup>11</sup>, foi muito mais que uma ocasião de atos de heroica caridade. Isso acabou influenciado e guiando a escolhas da jovem reforma por eles iniciada<sup>12</sup>. Sua zelosa solicitude para com os flagelados da peste atraiu não apenas a admiração dos camerinenses, mas também um alto grau de credibilidade e respeito para com sua forma de vida.

Em si mesmo, um fato simples, apenas circunstancial e quase banal, mas que marcou para sempre, a alma da jovem reforma. Completava-se assim a tríade que, como um caráter indelével, veio a constituir a identidade da reforma capuchinha, a saber: a contemplação (Deus), a austeridade (mundo), o cuidado dos homens (outro).

A partir daí, ao que parece, contra a vontade e inicial inspiração de seus iniciantes, a reforma, que, doravante começa a ser chamada dos Frades Capuchinhos, não

<sup>9</sup> Criscuolo, V. (ed.) - I Cappuccini - Fonti Documentarie e narrativa del primo secolo (1525-1619) - Curia Generale dei Cappuccini - Roma - n. 4.

<sup>10</sup> Nomeadamente em São Cristóvão de Arcofiato, cerca de 3 km de Camerino.

<sup>11</sup> Idem - ib. - n. 1356: A dimensão caritativa caracterizou, desde o início da Reforma, toda a atividade dos Capuchinhos. A mesma origem da Reforma, segundo as fontes narrativas, deu-se por um gesto de caridade de Frei Mateus de Bascio para com *um pobrezinho despido e enrijecido por causa do frio, que implorava piedade*. Pertence à história dos primeiros anos da Ordem a atividade assistencial dos irmãos Frei Ludovico e Frei Rafael Tenaglia de Fossombrone em favor dos pesteados na cidade de Camerino em 1527, e de Frei Mateus de Bascio e Frei Paulo de Chioggia no mesmo período na região da cidade de Fabriano. Foi esta atividade que despertou a grande admiração da duquesa de Camerino, Catarina Cybo, através da qual foi obtida da Chancelaria pontifícia a bula *Religionis zelus*, promulgada aos 3 de julho de 1528 com a *intercessão da duquesa de Camerino*.

<sup>12</sup> Idem - ib. - n. 45.

consegue mais descolar-se da solidariedade com os pobres<sup>13</sup>. Já em sua primeira incursão para fora de sua região de origem, as Marcas, na direção de Roma (1529)<sup>14</sup> e Nápoles (1530)<sup>15</sup>, os pobres parecem perseguir os Menores da Vida Eremítica e os frades assumem a cura de enfermos em hospitais populares<sup>16</sup>.

### 2.3. O Capítulo de Santa Eufêmia

Seis anos depois, um tempo curto, mas de duras provas e surpreendentes bênçãos, agora com um notável número de irmãos, dentre os quais, homens de comprovada virtude e renome<sup>17</sup>, era tempo não apenas de eleger novos superiores. Urgia um capítulo que considerasse o novo status dos Irmãos da Vida Eremítica, suas necessidades<sup>18</sup>. Ainda que a contra-gosto, mas pressionado por seus irmãos, Frei Ludovico convoca o capítulo para a cidade de Roma, em novembro de 1535<sup>19</sup>. Eleito Frei Bernardino de Asti como Vigário Geral, Frei Ludovico tenta declarar inválidos os atos do capítulo. Vê-se, porém, contraditado pelo Papa Clemente VII, que confirma a eleição de Frei Bernardino e as decisões capitulares.

Rigorosamente, só a partir daqui é possível falar dos Capuchinhos como uma fraternidade franciscana autêntica e própria. Este é o momento em que os Irmãos Menores da Vida Eremítica deixam de ser uma seita de observantes, ora perseguidos, ora admirados, ora apenas tolerados, um grupo que buscava apenas a simplicidade e solidão das ermidas e ganha a estatura de uma verdadeira *religio*.

Em criatividade fiel ao espírito de Francisco, surge uma nova família, com características inconfundíveis: uma vida de humilde e rigorosa austeridade,

<sup>13</sup> Idem - ib. - n. 1356: Apesar dos fortes propósitos de vida contemplativa, também na fase rigorosamente eremítica da Reforma, entre 1529 e 1535, a vida dos primeiros Capuchinhos distinguiu-se na grande dimensão assistencial em favor dos doentes e marginalizados. Basta lembrar as ações solidárias pelos pobres de Frei Mateus de Bascio e o grande empenho de assistência espiritual e material aos doentes do hospital São Tiago dos Incuráveis, perto do qual os Capuchinhos estabeleceram a primeira sede romana em 1529.

<sup>14</sup> Idem - ib. - n. 11: Em 1529, a Reforma Capuchinha iniciou sua expansão fora das Marcas. No mês de julho, Frei Ludovico encontrava-se em Roma, provavelmente, na comitiva da Cybo, e, com seu auxílio, teria obtido uma licença de permanência ali. Tratava-se de uma pequena casa junto à Porta do Povo e anexa à igreja de Santa Maria dos Milagres. Ambas dependiam do hospital maior de São Tiago dos Incuráveis e isto foi concedido a Ludovico por Lourenço Cybo, irmão de Catarina e curador do hospital. Considerada também a relativa proximidade entre Santa Maria dos Milagres e o hospital, os frades, de imediato, iniciaram a prestação de serviço espiritual e corporal aos pobres *incuráveis*.

<sup>15</sup> Criscuolo, V. - op. cit. - n. 1397: Os capuchinhos distinguiram-se no cuidado aos incuráveis não somente em Roma, mas também em outras cidades. O Colpetrazzo lembra que *começaram cuidar dos leprosos em Nápoles, em Gênova* e em outros lugares.

<sup>16</sup> Idem - ib. - n. 12: Os capuchinhos prestaram serviço por muito tempo (como enfermeiros, coletores de esmolas, ministros dos sacramentos) em São Tiago (Roma) e, desde aqueles primeiros tempos, conquistaram a confiança e a estima dos prelados, da nobreza e do povo romano. Com sua chegada, o hospital modificou sua fama. E Roma era uma cidade cosmopolita e, com isso, os capuchinhos tornaram-se conhecidos também fora e longe das Marcas

<sup>17</sup> Tais como: Bernardino de Asti, Francisco de Jesi, João de Fano, Bernardino Ochino, Eusébio de Ancona, todos considerados como homens de grande reputação e importância no interior da Observância.

<sup>18</sup> Albacina, lugar do primeiro grande encontro dos Irmãos da Vida Eremítica, sabidamente não foi propriamente um capítulo. Realizado no final de 1529, portanto, apenas um ano após a Bula Papal *Religionis Zelus*, este convênio propusera-se apenas eleger os próprios superiores, conforme prescrições da Regra, e estabelecer algumas normas específicas para a vida comum, referentes todas e exclusivamente à pobreza, a austeridade, a oração, a solidão e o silêncio.

<sup>19</sup> Sem dúvida, pressionado pelos frades da segunda hora.

assentada na contemplação, no trabalho com as próprias mãos, na proximidade e no cuidado dos últimos<sup>20</sup>.

Coube assim ao Capítulo de Santa Eufêmia tomar consciência e sancionar, constitucionalmente, o que as vicissitudes e casualidades da vida<sup>21</sup> engendraram, contra a expressa vontade dos iniciadores dessa reforma observante, arrancando-a do sectarismo eremítico (*exire de saeculo*) e devolvendo-a ao mundo<sup>22</sup>.

Não é sem significado que nesta encruzilhada histórica, em que à jovem reforma se impunha a crucial decisão: ou retornar ao seio da Observância, ou seguir adiante em criativa fidelidade ao espírito de Francisco de Assis, não é, pois, sem significado que aí, justamente, estivessem os leprosos da peste, os empobrecidos, os miseráveis, os últimos desse mundo, convidando os frades a não permanecerem na clausura dos eremitérios<sup>23</sup>.

Foi aí que nossos irmãos da primeira e segunda hora ousaram, então, dar à reforma uma nova, verdadeira constituição, na qual inscreveram: *Ordena-se que, em tempo de peste, os frades sirvam, conforme dispuserem os seus vigários, os quais em caso semelhante se esforçarão por ter abertos os olhos da discreta caridade*<sup>24</sup>.

Este é, pois, o lugar dos pobres em nossa vida: não uma atividade apenas provisoriamente tolerada<sup>25</sup>, não um impedimento para a vida contemplativa, não um episódio aleatório do acaso, mas fator de identificação e o lugar do encontro de nossa própria identidade. Com outras palavras: para a Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, a miséria do mundo não é apenas um espaço do exercício da caridade. Ela é, sobretudo, o lugar originário de seu nascimento e da constituição de sua identidade. Ela não é, pois um adendo, mas pertence, por assim dizer, à essência, ao *núcleo duro*, à identidade de nossa Ordem.

#### 2.4. As características

A partir daí, a Reforma Capuchinha escolheu um caminho *sui generis*: de um lado, extrema austeridade e, de outro lado, generosa solidariedade com os que sofrem. *Prima facie*, um paralogismo ou um caminho apenas tortuoso que poderia levar do

<sup>20</sup> Criscuolo, V. - ib. - n. Os valores que dela emergem e que tornaram a Reforma Capuchinha uma verdadeira fraternidade evangélica e franciscana são: a continuidade e a renovação do carisma do Pobrezinho de Assis; a escolha de uma vida humilde, pobre e austera; os fundamentos para uma verdadeira espiritualidade tipicamente cristocêntrica e seráfica, vivida em fraternidade e em atitude penitencial; o sereno equilíbrio entre uma vida dedicada à oração e à contemplação e às exigências dos empenhos de apostolado e do trabalho manual; a dedicação heróica aos doentes e aos pesteados e o deslanche missionário universal; o respeito pelos carismas pessoais suscitados pelo Espírito e a obediência incondicionada à hierarquia.

<sup>21</sup> Vicissitudes e casualidades da vida = o não-planejado = o imprevisível = o imponderável = o que invade a vida sem nos pedir licença = as surpresas = as mãos invisíveis que levam a vida e a história para onde não imaginávamos = a graça = aquele que sopra onde quer... (Jo 3, 8).

<sup>22</sup> Não há dúvida que Francisco rejeitou para si e para seus irmãos o estilo monacal de vida religiosa. Depois de um curtíssimo tempo com beneditinos, ele logo deixou o mosteiro. Escolheu viver o Evangelho, em uma experiência originária: sair do mundo (*exire de saeculo*), sem abandoná-lo, ficar no mundo sem mundanizar-se.

<sup>23</sup> Isto posto, não me parece infundado dizer que os pesteados foram para a reforma capuchinha o que foram os leprosos para Francisco de Assis (1Cel. 17)

<sup>24</sup> Criscuolo, V. - op. cit. - n. 326.

<sup>25</sup> Como poderia ter sido ainda para os Frades Menores da Vida Eremítica.

nada a lugar nenhum (aporia). Mas esta foi a trilha entrevista pelos Capuchinhos e a nossa herança.

Mas como entender e, mais importante, como viver tais inspirações, aparentemente, tão díspares e, pragmaticamente, contraditórias: uma pobreza radical e uma solidariedade que seja mais do que apenas uma declaração de boas intenções? Como socorrer, de mãos vazias, a miséria dos miseráveis? Para uma solidariedade eficaz e real, o correto não seria possuímos sempre mais para ajudarmos cada vez melhor os que nada têm?

No âmbito deste nosso encontro, esta é uma questão central, um paradoxo, sobre o qual, a nós, importa refletir, do qual urge tomarmos consciência e, a partir do qual, queremos encontrar práticas viáveis.

### 3. As respostas dos Capuchinhos à situação de miséria

Não é certamente este o lugar para uma reflexão sobre a pobreza e a austeridade, a multiplicidade de suas percepções, acepções, concepções e recepções. A nós, neste momento, interessa-nos apenas constatar que nossa Ordem, como Francisco de Assis, escolheu exatamente a austeridade e o mínimo de bens como o lugar para viver a pobreza<sup>26</sup>.

A história de nossa Ordem, do princípio até os nossos dias, está repleta de práticas e experiências que não apenas confirmam a congruência entre pobreza / austeridade e cuidado dos pobres, como apontam para a única forma possível de socorrer às necessidades dos últimos sem que se incorra no grave risco de um paternalismo e suas danosas seqüelas.

A resposta capuchinha ao desafio da injustiça econômica não foi, em nenhum momento de sua história, a filantropia que gera, inevitavelmente, naqueles que a fazem, de um lado, superioridade e, de outro lado, naqueles que a recebem, indigna humilhação. Nem poderia ser diferentemente para homens que professam, voluntariamente, a austeridade que tão pouco tem.

Por opção, nossa Ordem quis colocar-se fora da dinâmica da mais-valia, do acúmulo das posses. Quis que seus frades vivessem do próprio trabalho e da generosidade das esmolas, o que sempre supõe, em si mesmo, proximidade, fraternidade, uma quase-dependência (co-pertença) daqueles dos quais recebemos a dádiva da sobrevivência<sup>27</sup>. Isto gera e cria laços de generosa cooperação e co-responsabilidade de todos para com todos<sup>28</sup>.

<sup>26</sup> A nossa vida, em si mesma: frágil, pequena, limitada, pobre, pouca, mortal...

<sup>27</sup> Veja as palavras de assombro e perplexidade de Enrico Thomann (1520-1592), protestante, sobre os primeiros capuchinhos na Suíça: *Não teriam nenhuma propriedade, não pedem esmolas e não exigem nada, não pedem nada a ninguém, mas se contentam com o que lhes é oferecido espontaneamente, seja comida, bebida ou dinheiro. Não podem comer ou beber o quanto querem, mas somente quanto for necessário para manterem-se vivos. O que sobra das esmolas em alimentos, bebidas ou dinheiro, depois do uso necessário, eles não podem conservá-los em cofres ou em casa, mas devem distribuir logo tudo aos pobres, por amor de Deus* (Criscuolo, V. - op. cit. - n. 1686)

<sup>28</sup> A isto, a Ordem tem chamado, nos dois últimos CPOs de: Fraterna Solidariedade.

Esse é o espírito que levou muitos frades, nestes mais de quatro séculos de história capuchinha, a encontrarem respostas realmente criativas e funcionais para questões sociais graves, das quais queremos nomear quatro, a título de exemplo. São, rigorosamente, variantes do mesmo espírito.

### 3.1. A proximidade dos pobres...

Esta opção pela simplicidade pessoal e institucional produziu historicamente uma marca específica da Fraternidade Capuchinha, um acento que qualifica, de geração em geração, o ser e a ação de seus frades, forjando quase uma arquetípica capuchinha (originalidade) de gestos, atitudes, símbolos, habitação, igreja, pastoral. Dentre essas, uma marca quase proverbial é sua proximidade junto aos homens, sobremaneira junto aos pobres.

Esta proximidade é, dentre tudo aquilo que o Frade Capuchinho pode ser e fazer frente aos graves desafios das escandalosas dissimetrias econômicas e suas sequelas, a condição de possibilidade de todas as outras possíveis atividades concretas.

É partir dela que nos será possível o mais elementar e indispensável em toda situação de desumanidade: jamais permitir que morra a esperança, ativar a atmosfera de fraternidade e de confiança em Deus. Nós devemos, sim, estar junto aos homens, engajando-nos com eles, trabalhando arduamente na sua promoção, mas somente se o fizermos em contínua referência a Deus é que estaremos sendo o que, propriamente, somos: homens de Deus. É o que os todos buscam, também em nossos dias, ao fundo de suas tantas misérias: homens que lhes indiquem o sentido da vida, fortaleçam-lhes a esperança, firmem sua fé, apontem-lhes horizontes que alcancem mais longe do que apenas até o dia de amanhã. Toda e qualquer atividade pastoral, sem esta mística, pode até ser um agir necessário, mas viverá do esquecimento do mais fundamental: Deus.

Essa proximidade junto aos homens, tão própria de nossa Ordem, é ainda de grave importância para aquilo que gostaria de chamar aqui de *sintonia de frequências*, pela qual nos colocaríamos em condições de captar e compreender, afetiva, analiticamente e praticamente<sup>29</sup> (frequência de recepção) os reais apelos das reais necessidades de homens reais (frequência de emissão). Só uma tal sintonia evitaria a armadilha de diagnósticos desfocados e de empreendimentos equivocados: não raro, estruturalmente complexos, financeiramente onerosos, funcionalmente ineficazes, humanamente inoperantes.

Aliás, também esta nunca deixou de ser uma das características de nossa Ordem, também ela quase proverbial: a improvisação. Retamente entendida, a improvisação não significa ausência de análise, planejamento, organização, eficácia e vigilante controle das próprias atividades. Não desconhecemos a necessidade e a importância de tudo isso, mas isso será sempre secundário. Por estarmos junto à vida e aos homens, sempre foi próprio de nossa Ordem a flexibilidade, a imediatez e a

<sup>29</sup> Exatamente neste ordem... Ou como afirma o VI CPO, n. 7: Antes de tudo será necessário conhecer os mecanismos desta nova "ordem" econômica, compreendê-los e avaliá-los criticamente, tendo especialmente presente a problemática moral subjacente no mundo da economia. Depois deveremos viver e testemunhar a nossa forma de vida evangélica que, apesar da sua debilidade, com seus valores de simplicidade, gratuidade, vontade de servir, respeito pela pessoa e pelo criado deseja propor-se como modo mais humano e mais verdadeiro frente ao sistema econômico vigente.

improvisação criativa no socorro à vida, os métodos simples, que existem e devem existir apenas para operacionalizar o espírito de fraternidade. Quaisquer que sejam nossos empreendimentos de ajuda social, eles jamais poderiam abafar ou substituir nossa proximidade junto aos homens e absorverem os frades apenas na sua operacionalidade. Empreendimentos não substituem o ser irmão e a fraternidade, antes existem para viabilizá-los.

Por isso o primeiro e grande esforço de nossa parte consiste não tanto em construir e criar instrumentos sofisticados de ajuda aos homens, mas, por nossa presença de irmãos, tentar gerar, entre todos, essa atmosfera de confiança em Deus e de fraternidade, solidariedade e partilha entre os homens. É o dom de si próprio, por muito e mais não termos.

Nossa própria história é um celeiro de tais experiências: existe, sim, o milagre das mãos vazias<sup>30</sup>. Vejamos alguns exemplos, todos eles variantes do mesmo espírito, a partilha, a economia fraterna, a circularidade dos bens.

### **3.2. Na terra dos ricos, favas para os famintos...**

Nos albos de nossa Ordem está Frei Mateus de Bascio. Uma figura enigmática, no melhor estilo dos grandes profetas: como um raio vindo do nada, por um instante, tudo ilumina e desaparece. Como um raio. Ele é tido, sabidamente, como o inspirador da Reforma Capuchinha.

Durante a grande carestia e a peste de 1527, conta-se que ele teria promovido, por todos os lados, em terra emprestadas dos ricos, plantações de favas para o socorro dos famintos<sup>31</sup>.

### **3.3. A esmola**

A questua (mendicância) para os pobres não era apenas uma prescrição constitucional<sup>32</sup>. Os frades a faziam, ainda que penosamente, de bom grado, com naturalidade e sistematicamente<sup>33</sup>. Não era incomum, das questuas para sua própria sobrevivência, deixarem pelo caminho, para os necessitados, parte e mesmo a melhor parte do que recebiam<sup>34</sup>. Em sua real dependência das esmolos, era nítida a

---

<sup>30</sup> Mt 14, 13-21 //.

<sup>31</sup> Criscuolo, V. - op. cit. - n. 1358: Desta maneira prestou inestimável ajuda às pessoas pobres, que se debilitavam e morriam de fome. Avisou-os que cada um podia recolher, quando estavam maduras, estas favas, gratuitamente. Chegado, pois, o tempo da colheita, os pobres começaram a servir-se das favas. Por sua bondade milagrosa, Deus mostrou ao mundo que foi Ele que, com cinco pães, saciou multidões. Por isso, quanto mais os pobres recolhiam as favas, tanto mais pareciam que se multiplicavam de tal modo que, até a colheita do milho, nunca faltaram.

<sup>32</sup> Idem - ib. - n. 322: Ordenou-se também que, no tempo das carestias, para acorrer à necessidade dos pobres, façam-se as buscas pelos frades que tiverem sido designados para isso por seus prelados, a exemplo de nosso tão piedosíssimo pai, que tinha grande compaixão pelos pobres. Pois, se lhe era dada alguma coisa por amor de Deus, não a queria senão com este pacto de poder dá-la aos pobres, encontrando alguém mais pobre do que ele.

<sup>33</sup> Veja o testemunho de um dos frades da primeira hora: Quando entrei na Ordem, todos os frades andavam mendigando de porta em porta a lenha e a carregavam nas costas e quantos feixes de lenha carregamos! Todos trabalhavam na horta e andavam esmolando a pé (Criscuolo, V. - op. cit. - n. 711)

<sup>34</sup> Cf. Idem - ib. - n. 291.

consciência de que, se de graça recebiam, de graça também deveriam dar<sup>35</sup>. Assim, seja de seu próprio trabalho, seja de sua mendicância, era natural que os frades se compreendessem apenas como depositários de bens que não eram seus e dos quais eram apenas depositários e dispenseiros<sup>36</sup>.

### 3.4. Rede de solidariedade

Era um costume das missões capuchinhas, nas suas pregações populares, promover institutos de concreta caridade: associações para o cuidado dos doentes, dos prisioneiros, dos empobrecidos, dos últimos, criando assim uma rede de efetiva solidariedade entre todos<sup>37</sup>.

### 3.5. O monte-de-piedade ou montes alimentícios...

Diferentemente dos montes-pios, que funcionavam quase como bancos populares, os montes-de-piedade eram como que bancos de víveres. Recolhidos de quem os pudesse doar, tais víveres eram entregues a quem deles necessitasse. Também aqui, os frades, que por si mesmos nada tinham, atuavam apenas como mediadores, depositários e dispenseiros da mútua solidariedade.

Como se vê, são apenas alguns exemplos, variações do mesmo espírito daqueles tiveram como valores centrais de sua vida a pobreza e a austeridade, de um lado, e, de outro lado, a operosa e discreta caridade. Tais exemplos não nos oferecem um *que*, mas um *como*. Não se trata, pois, de restaurarmos, em nossos dias, os feitos de Mateus de Bascio, de Felix de Cantalício, de José de Leonissa e outros tantos. Trata-se antes, isto sim, de encontrar traduções adequadas e necessárias, em criatividade fiel, nas quadras de nosso tempo, a grandeza de nossas inspirações, comprovando assim sua atualidade e fecundidade.

## 4. Por conclusão: olhos abertos e mãos operosas de discreta caridade...

Pois é exatamente aí, sob o império da mais-valia, quando de forma avassaladora a globalização, na sua face mais cínica, a indiferença para com os pobres, a exclusão e o neo-aburguesamento, parece não reter seus passos nem mesmo no espaço religioso e eclesial, exatamente aí, nossa Ordem convoca-nos a andar por outras trilhas, a jamais esquecermos a partilha do pouco que somos e temos, a solidariedade dos pequenos gestos, que se não são suficientes para afrontar a frieza do mundo e debelar a complexidade das dessimetrias sociais e econômicas e a miséria das maiorias, pelo menos poderão ser um alívio e um raio de esperança, a fim de, neste mundo, jamais

<sup>35</sup> Não fazer isso é, nas palavras de Francisco de Assis, roubar dos pobres: *Nunca fui um ladrão de esmolas, recebendo-as ou gastando-as além do necessário; sempre aceitei menos do que me ofereciam, a fim de não lesar os outros pobres, pois agir de outra maneira seria agir como ladrão* (SP 12)

<sup>36</sup> Retomando uma criativa reflexão sobre esta arcaica prática, o VICPO, diz: Grande parte dos nossos bens foram e são-nos dados pelo povo. O povo dá a nós para que nós repassemos aos pobres; e nós devemos receber a esmola para fazer esmola. Por isso a reciprocidade entre nós e povo deve se manifestar mais clara e efetivamente, sobretudo através de nossas obras sociais e caritativas. Em conseqüência disso, é indispensável que parte de nossos bens, das doações que recebemos e do nosso próprio trabalho seja, generosamente, transferido para tais atividades sociais em favor dos necessitados.

<sup>37</sup> Criscuolo, V. - op. cit. - n. 41. Com freqüência, para favorecer a renovação da prática cristã, os capuchinhos, na conclusão dos seus cursos de pregação, costumavam erigir congregações não somente com finalidade devocionista (meditação, culto eucarístico, freqüência aos sacramentos), mas também de caráter social, como cuidar dos enfermos nos hospitais, assistência aos encarcerados e o socorro aos pobres mediante a gestão de montes alimentícios, fundados ou mesmo revitalizados por eles.

sejam as trevas assim tão escuras, que os últimos não vejam pelo menos um raio tênue de luz na noite de seus sofrimentos<sup>38</sup>.

Num tempo em que, maciçamente, vastas partes do cristianismo e da catolicidade, parecem afeitas a colocar a mão no peito e a fechar os olhos para dentro de um intimismo inoperante, é altamente necessário recordarmo-nos da advertência de nossos primeiros irmãos: *esforcem-se todos para ter bem aberto os olhos da discreta caridade...* e eu acrescentaria: e as mãos operosas da efetiva solidariedade e fraterna partilha.

Prudente Nery - OFMCap.  
Rua Atenas, 1001 - Bairro Tibery  
38405-066 Uberlândia - MG  
Tel.: (34) 3213 7864  
Email: pln@procamig.org.br

---

<sup>38</sup> Este apelo tem sido uma constante em nossa Ordem, seja nos dois últimos CPOs seja nas Cartas Circulares do Ministro Geral, Frei John Corriveau (cf. especialmente Carta Circular n. 24)